

## A BENEFICÊNCIA PORTUGUESA - RIO DE JANEIRO

Sociedade Portuguesa de Beneficência - Rio de Janeiro - 1858



(Em Fafe é construído uma réplica de hospital da beneficência do rio em 1859)

### **Presidentes da Sociedade Portuguesa de Beneficência desde 1840 a 1924**

**Dr. José Marcelino da Rocha Cabral**, (FUNDADOR) Dr. Alberto António de Moraes Carvalho, **Hermenegildo António Pinto**, **Visconde da Estrela**, Visconde de Souto, **Visconde de São Mamede**, Conselheiro João José dos Reis, Comendador Joaquim José Rodrigues Guimarães, **Conde de São Salvador de Matosinhos**, José João Martins de Pinho, **Barão de Santa Leocadia**, **Conde de Santa Marinha**, Comendador José Gonçalves da Mota, **Visconde de Avelar**,

**Visconde de Sande** (depois Conde de Agrolongo), Joaquim Carvalho de Oliveira e Silva, Comendador Manuel António Augusto de Almeida Carvalhais, Comendador José António da Silva, Comendador José Rainho da Silva Carneiro, **Visconde de Moraes, Visconde do Souto**



-----X-----

A Sociedade Portuguesa de Beneficência é uma instituição bem conhecida não só de portugueses mas de todo o Brasil, pelos serviços relevantes que tem prestado e continua prestando aos desvalidos da Fortuna.

Em 1839 era ministro de Portugal no Brasil Joaquim César Figanière Moura, que um dia, conversando com o encarregado do consulado, o dr. José Marculino da Rocha Cabral, lembrou a fundação duma sociedade de beneficência para os numerosos portugueses que sofriam, desamparados, sem trabalho, sem saúde, muitas vezes sem pão.

O dr. Rocha Cabral não só achou a ideia excelente, como se comprometeu com o ministro a apresentar uma proposta no Gabinete Português de Leitura, cuja Directoria a tomou a si, dirigindo um ofício a todos os seus sócios.

Se uns acorreram ao apelo, outros não concordaram, mas Francisco João Muniz, que era o secretário da Gabinete Português de Leitura e

assumira o lugar de vice-cônsul e encarregado do consulado geral de Portugal, lugar de que o dr. Rocha Cabral pedira a demissão, tomou a fundação da Sociedade de Beneficência como uma questão de honra e convidou a reunirem-se no consulado os que concordavam com a ideia – ao todo 37 – e a sociedade instalava-se.

Foi nomeada uma comissão para organizar o projecto de estatutos, os quais foram aprovados em sessão da assembleia geral de 17 de Maio de 1840.

Com a terceira sessão, a 12 de Julho desse ano, elegeu-se a primeira Directoria, de que foi presidente o dr. José Marcelino da Rocha e Vice-presidente Francisco João Muniz.

Estava definitivamente fundada e constituída a Sociedade Portuguesa de Beneficência.

Nos primeiros tempos da sua existência, foi muito limitado o seu desenvolvimento. Mas as Directorias empregaram sempre os seus maiores esforços em engrandecer uma instituição que se propunha beneficiar os seus compatriotas. E hoje esse fim é atingido.

O Hospital de S. João de Deus, sustentado pela Sociedade de Beneficência Portuguesa, é um estabelecimento modelar, onde os portugueses encontram todo o amparo e carinho de que necessitam quando a doença ou a invalidez os ataca.

Fazer a história da fundação desse hospital o mesmo seria que fazer a história da Sociedade de Beneficência, (...). Não nos podemos, porém, eximir a dizer que propugnador da ideia da sua fundação foi o benemérito português Hermenigildo António Pinto, que conseguiu ver finalmente posta em execução a ideia por que tão galhardamente se batera, no dia 19 de Dezembro de 1853, em que foi lançada a primeira pedra do edifício.

E o Hospital de São João de Deus era inaugurado no dia 16 de Setembro de 1858, dia do aniversário natalício de D. Pedro V, então reinando em Portugal. Presidente da Directoria desse biénio o Visconde da Estela.

Mas o número de doentes aumentava de ano para ano e dentro em pouco reconheceu-se que eram precisas novas instalações, queurgia alargar o edifício. Em 16 de Setembro de 1877, dava-se começo às obras do novo edifício, ligado com o antigo por meio de uma galeria, sendo inaugurado no dia 19 de Dezembro de 1888.

Embora, porém, o número de sócios fosse aumentado de ano para ano, as despesas acarretadas pela construção do hospital e pelos benefícios prestados aos que à Sociedade de Beneficência Portuguesa recorriam punham esta em sério risco de não poder solver seus compromissos.

Fim muito significativo o papel do Conde de S. Mamede que se deve a sua consolidação, pois, por meio de uma subscrição entre os membros da colónia portuguesa e por outras medidas tomadas pela directoria a que ele presidia, se conseguiu assegurar-lhe vida própria.

É uma trilogia cujos nomes nunca poderão esquecer aos milhares de portugueses que no hospital de S. João de Deus têm encontrado lenitivo aos seus sofrimentos: Hermenegildo António Pinto, Visconde da Estrela e Conde de S. Mamede.

A Sociedade de Beneficência Portuguesa, cujas primeiras *étapas foram* assinaladas por dificuldades de toda a ordem só vencidas por dedicações e esforços para os quais são poucas as palavras elogiosas que se possam escrever, é hoje uma instituição que honra o nome de Portugal e a que todos, tanto nacionais como estrangeiros, prestam o devido tributo.

Para dar uma ligeira ideia do seu movimento, socorrer-nos-emos do relatório apresentado à assembleia geral de Março de 1925 pelo presidente da Directoria do biénio de 1923-1924, o grande benemérito Sr. Visconde de Moraes.

Nesse biénio, entraram nas enfermarias do hospital de S. João de Deus 4108 enfermos. Tinham ficado em tratamento, do biénio anterior, 175. Saíram 3 922, faleceram 214 e passaram para 1925, em tratamento, 147.

Nos ambulatórios registou-se o movimento de 48 721 consultas, fizeram-se 75 206 curativos diversos, 48 626 injeções, 18 500 lavagens uretro-vesicais, 1 775 intervenções cirúrgicas, 769 radiografias, 5 535 aplicações de electrologia geral, 4236 analises, 3 134 tratamentos de massoterapia, 7 887 de hidroterapia e 9 484 de odontologia.

Foram fornecidos 57 870 medicamentos aos enfermeiros recolhidos no hospital e 38 322 aos consultantes externos.

As despesas elevaram-se a réis, moeda brasileiros, 332 113\$2090, as de «mordomia» a 611 457\$040, as de farmácia a 267. 542\$970 e as de cirurgia a 109 394\$100.

A receita geral do biénio foi de reis 3.486 868\$077 e a despesa de 1 955 612\$539, havendo, portanto, um saldo de 1 531 255\$538, que junto ao património da Sociedade elevou-se este a 10 935 070 \$692 réis.

Essa Directoria iniciou a construção dum hospital para senhoras e adquiriu um prédio, na rua do Rosário, 78, pela quantia de 150 000\$000 reis, destinado a Retiro da Velhice, para onde foram transferidos os inválidos que há muito viviam numa das enfermarias do Hospital de S. João de Deus.

O director-tesoureiro, Sr. Jaime Lino da Cunha Sotto Maior, promoveu para a compra deste imóvel uma subscrição entre amigos e seus beneméritos da Sociedade, que rendeu de pronto 188: 770\$940 e que, no fim de 1924, se achava em 248:024\$840.

A inauguração do Retiro da Velhice, a que foi dado o nome do director-tesoureiro, fez-se com a maioria simplicidade no dia 23 de Março de 1924.

O novo Hospital, em construção, da Beneficência portuguesa do Rio Destina-se, exclusivamente, a mulheres portuguesas sócias, podendo nele ser internados, em quartos particulares, doentes de qualquer outra nacionalidade, como nas outras casa de saúde.

É um hospital para cerca de 100 leitos, distribuídos por enfermarias gerais pequenas, por quartos particulares e *apartments* de luxo. Tem quatro andares, servidos por uma ampla escadaria de mármore e por dois elevadores Otis, um *Limpo* outro *sujo*, destina-se a por o edifício novo em comunicação com o antigo Hospital S. João de Deus, pois é no recinto deste que estão a administração geral, grande cozinha central, os laboratórios de análises clínicas e raios X, a secção de hidroterapia, a farmácia, a lavandaria, o necrotério.

No andar térreo do novo hospital serão instaladas, provisoriamente, as consultas externas, enquanto não for construído o pavilhão visando esse fim. Essas consultas funcionarão em compartimentos separados, aladrilhados e de paredes cobertas de azulejos, destinados a a) a ginecologia e cirurgia geral; b) a obstetrícia; c) a medicina geral; d) oto-rinolaringologia; e) a oftalmologia; f) a sífilis e pele e tendo uma sala de espera comum servida de aposentos sanitários, de escarradores higiénicos com jacto de água filtrada, despejo, etc. De futuro esta parte servirá para fisioterapia.

Nesse andar térreo serão instalados ainda: a) a arrecadação geral e rouparia; o refeitório para o pessoal menor; c) os banhos de chuva para os médicos; d) a pequena secção de cirurgia experimental com serviços de esterilização, sala de operações e hospital para os pequenos animais operados; e) forno crematório e de aquecimento da água para banhos.

No primeiro andar será instalada a secção de obstetrícia e uma ala de 11 quartos particulares com suas dependência: arrecadação, rouparia, 3 w.c. e 2 salas de banho, água filtrada cozinha central, quarto da enfermaria, sala de estar e de refeição das doentes que se levantam, evitando enquanto possível a serviço de comidas no próprio quarto.

P. M (1927)







